

Cadernos de estágio

Educação de jovens e adultos no turno noturno: desafios para experiências significativas no ensino médio

Francisco Mateus Alexandre de Lima ¹

Informações

1 mattheews@live.com

Como citar este texto

BEZERRA, I. R. R. Entre teoria e prática: reflexões sobre a prática pedagógica no ensino de história no estágio supervisionado. Cadernos de Estágio, v. 7, n. 3. DOI: [10.21680/2763-6488.2025v7n3ID40775](https://doi.org/10.21680/2763-6488.2025v7n3ID40775).



*Revolução na sua mente Você pode,
você faz. Quem sabe mesmo é quem
sabe mais.*

*Eu sempre quis falar, nunca tive
chance [...]. A polícia diz que já causei
muitos distúrbios e o repórter quer
saber porque me drogo [...]*

Chorão

A citação que dá entrada neste relato de experiência é um trecho da canção *Não é sério* interpretada pelo cantor Chorão da banda de rock brasileira Charlie Brown Jr, em parceria com a cantora Negra Li. A música é praticamente um hino para a juventude brasileira que prenuncia seu protagonismo por meio da ação sobre a sociedade. A canção retrata diversos cenários brasileiros em que o jovem não é levado a sério, o refrão repetitivo em que na TV “nunca é levado a sério” repercute uma imagem negativa, principalmente no que tange à falta de oportunidades.

Embora a canção tenha sido gravada há mais de duas décadas, ela possui narrativas atemporais que causaram a minha curiosidade e a inserção no repertório de leituras musicais durante o Estágio Supervisionados III, realizado no Curso de História, em uma escola pública estadual da cidade de Mossoró, localizada no semiárido do estado do Rio Grande do Norte.

Para a escolha de turmas para posterior docência na disciplina de História

foram observados justamente o segmento do Ensino Médio em que são formados jovens e adultos, tanto na forma regular como na modalidade de Educação de Jovens e Adultos. Na finalização da observação das aulas do professor supervisor, responsável pela disciplina de História, a escolha por esse público-alvo foi imediata.

A razão dessa escolha está no fato de que, entre tantos jovens brasileiros, essas duas turmas revelaram diferentes representações da juventude contemporânea — por que não dizer, de jovens conectados pela internet, com seus variados estilos de vestir, agir e se

expressar. Me senti motivado a oferecer alguma contribuição a ambas as turmas. Levei em consideração a reflexão de Paula (2011), ao afirmar que “a EJA deve se constituir a partir das identidades e culturas dos sujeitos que a integram, abrindo, assim, possibilidades de construção de propostas educativas relevantes e significativas [...]” (Paula, 2011). Ainda segundo a autora, é fundamental desenvolver abordagens

e mapeamentos que compreendam a complexidade dessas realidades, revelando, nesse processo, os mecanismos de desigualdade que situam homens e mulheres em condições marcadas pela exclusão. (Paula, 2011)

E foi no período da observação de aulas que idealizei as leituras de músicas e a partir de “Não é sério”, a primeira das aulas ministradas, ela foi protagonista como introdução à rotina em minhas aulas. Portanto, como escolha de objeto de estudos tinha que ser algo em que os próprios sujeitos, em mediação com o conhecimento culturalmente acumulado, pudessem se ver como também ver uma conjuntura da nossa nação brasileira. Foi então que a Ditadura Civil-Militar foi escolhida para uma “docência com discência”² levando um conjunto de fatos históricos ocorridos entre 1964 e 1985. A Ditadura que golpeou a nação durante 21 anos se entrelaçou na reflexão sobre como a juventude do presente pudera ver a juventude do passado que liderava manifestações nas ruas e universidades contra as repressões, censuras e mortes de militantes anti-ditadura.

Vale lembrar a pertinência da temática, haja vista os acontecimentos noti-

ciados no final do ano de 2022 e início do ano de 2023, que após as eleições presidenciais daquele período, se projetava um golpe de Estado por parte do ex-presidente Bolsonaro e seus aliados. Se vislumbrava naquele período uma nova Ditadura Civil-Militar¹. Os estudos sobre o nosso vergonhoso passado político emergiam com significativa importância para os jovens e adultos.

Concordo com Motta (2021) que na Campanha Eleitoral de 2018, o então candidato Jair Bolsonaro já demonstrava afeição pelos feitos da ditadura durante entrevista ao Jornal Nacional da Rede Globo³. O momento mostrou a centralidade dos eventos de 1964 no debate público, como também revelava algumas das principais questões em disputa quanto à história do regime autoritário. O autor pontua que a “sombra do golpe e da subsequente

ditadura militar tem ocupado espaço significativo no cenário político brasileiro desde a redemocratização” (Motta, 2021, p. 9). No meu caso, tratar sobre esse contexto brasileiro em sala de aula é trazer do passado para o presente, o não esquecimento de um golpe contra a democracia e principalmente o estí-

1 O autor, Fico (2014) diz que é “correto designarmos o golpe de Estado de 1964 como civil-militar: além do apoio de boa parte da sociedade, ele foi efetivamente dado também por civis”.

2 Segundo Freire (1996), como educadores ao mesmo tempo que ensinamos, também assumimos a condição de aprendizes.

3 Entrevista cedida no dia 28 de agosto de 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2018/08/28/jair-bolsonaro-psl-e-entrevistado-no-jornal-nacional.ghtml>.

mulo à criticidade dos alunos frente aos noticiários de ataques e perseguições exibidos pela mídia nacional.

O campo de estágio supervisionado ocorreu como que na canção, na contradição do que ela afirma, isto é, levei a sério a visibilidade da juventude para o conhecimento de uma época de grandes lutas que afetou a democracia brasileira. As turmas citadas e escolhidas são compostas de sujeitos que estiveram realizando o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) com a pretensão de ingressarem no Ensino Superior e de estudantes que durante o turno diurno estão em ocupações de trabalho ou em participação de cursos extraescolares. As turmas com funcionamento no turno noturno proporcionam aos estudantes a oportunidade de ocupação em outras atividades durante o dia.

No entanto, é importante destacar que em regência foi observado o fenômeno da evasão escolar em diversos comportamentos, como por exemplo: o atraso na chegada às aulas devido ao trabalho, a saída da sala de aula sem prévio aviso para a circulação internamente na escola, o uso do celular com bastante frequência, bem como utilização desta tecnologia para fotografar os textos e atividades do professor ou como entretenimento.

O estágio supervisionado ocorreu no segundo semestre de 2024, entre os meses de outubro, novembro e dezembro. No período do final do ano letivo esco-

lar foi observado tamanha preocupação dos alunos com as suas notas, principalmente com a sua presença no sistema eletrônico que o professor supervisor administra. O registro da presença garante aos estudantes o recebimento de uma bolsa do governo, o chamado “Pé de meia”.

Durante a observação das aulas do professor supervisor, pude perceber que era constante o uso da lousa para a transcrição de resumos de diferentes fatos históricos que posteriormente serviriam para “passar o visto” para aqueles que tivessem realizado a transcrição no caderno. O uso e a utilização de trabalhos escritos à mão foram práticas recorrentes. Havia a exposição dialogada logo quanto finalizava a escrita, fazendo relações com o contexto atual.

Libâneo (2000) disserta sobre novas atitudes docentes quanto a assumir o ensino como mediação. Em outras palavras, o professor media a relação ativa do aluno com o conhecimento no qual considera as experiências e os significados que estes sujeitos trazem para a sala de aula. É discutível que hoje com os avanços da tecnologia da comunicação e da informação nossos alunos chegam à escola com grande potencial, suas capacidades e interesses, seus procedimentos de pensar, seu modo de trabalhar.

É indubitável quando o autor afirma que:

ajuda do professor para o desenvolvimento das competências do pensar, em função do que coloca problemas, pergunta, dialoga, ouve os alunos, ensina-os a argumentar, abre espaços para expressarem seus pensamentos, sentimentos, desejos, de modo que tragam para a aula sua realidade vivida (Libâneo, 2000, p.29).

Enquanto estagiário, ou melhor dizendo, professor de História em formação, não pude me desmembrar do docente das séries iniciais do ensino fundamental e analisar criticamente o fazer docente que ocorria de maneira tradicional. Me refiro como tradicional uma aula em que o aluno é um sujeito passivo, aquele que ouve e não interage. Há apenas a voz expositiva do docente na sala. Com isso, na fase final das observações, já tinha projetado ideias e proposições para contribuir na apreensão do aluno sobre os diversos momentos da Ditadura Civil-Militar.

Diante da ausência de material didático, como o livro didático, foi elaborada uma apostila xerografada contendo conteúdos relacionados ao objeto de estudo, organizados de forma cronológica para facilitar a compreensão do processo histórico da ditadura. Esse suporte textual contribuiu de maneira significativa para que os estudantes tivessem acesso a temas centrais, como os precursores do regime, os atos institucionais, o chamado “milagre econômico”, a censura, a atuação da juventude, entre outros aspectos que compõem o pano-

rama daquele período histórico.

O produto educacional construído foi um cordel com estrofes de quatro versos conhecido como quadra ⁴. Holanda e Rinaré (2009, p.33) definem que na quadra tradicional “rimam apenas o 2º e o 4º verso. Na quadra fechada (trova), rimam todos os versos: o 1º com o 3º e o 2º com o 4º”. E tal ideia para esta produção vem da minha paixão pela poesia. Modéstia à parte, sou considerado um poeta de bancada, isto é, aquele que produz versos de cordel escrito em papel sob uma mesa, o cordelista. Outra ideia para essa escolha veio da seguinte passagem escrita pelo professor Pinheiro (2018, p. 107): “no âmbito das propostas de atividade do cordel na escola, nossa perspectiva é a de que ele deve ser estudado como literatura e, muitas vezes, em diálogo com os diferentes gêneros literários”. Reconhecê-lo como literatura significa inserir o cordel como um gênero textual legítimo, capaz de ocupar diversos espaços sociais — especialmente as bibliotecas escolares, por meio da criação de cordelotecas.

Com este suporte textual, de maneira em que as palavras rimam, diversos fatos estudados durante o estágio supervisionado puderam ser transcritos como compreensão da ditadura. Como vemos abaixo em alguns versos retirados do cordel produzido:

4 Ver em: CAMPOS, Lindoaldo. ABC da poesia: Inspiratividades com palavras. Natal, RN: Sebo Vermelho, 2010.

Foi no ano de 64
Entre março e abril
Que a ditadura civil-militar
Se espalhava pelo Brasil

Tomado o governo brasileiro
Os militares ficam no poder
E muitos sujeitos exilados
Que não queriam obedecer

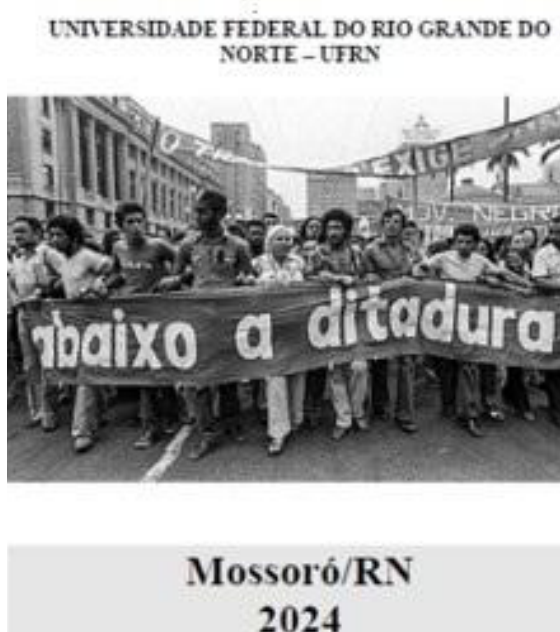
Houve luta contra o regime
Como na produção cultural
No cinema e no teatro
E na área musical

Os estudantes reivindicavam
Pela liberdade da nação
Da violência da polícia
Da tortura e repressão

Eram vistos como marginais
Até mesmo de terroristas
Violentados contra a liberdade
Eram acusados de comunistas
(Lima, 2024)

Por meio do cordel produzido por mim, os alunos novamente puderam estar em contato com a história brasileira e ter a possibilidade de estabelecer seu próprio posicionamento por meio da pesquisa e revisão de conteúdo.

Figura 01: Capa de folheto de cordel



Fonte: Produção do professor/estagiário

Marinho (2012) propõe algumas leituras e atividades como sugestões para o professor trabalhar o cordel em sala de aula. A primeira delas é a leitura oral dos folhetos de cordel em voz alta realizada mais de uma vez, pois tal repetição ajudará a perceber o ritmo e encontrar os diferentes andamentos que o folheto possa conter e assim possibilitar o trabalho com as entonações de modo adequado. Outro aspecto positivo é a grande variedade de temas que podem ser abordados pela literatura de cordel, tais como as situações humanas, tragédias, comédias, casos inusitados, relatos históricos, imaginários dentre outros. Trata-se de uma atividade agradável e que faz a criança e o jovem fantasiar, recriar a realidade.

Outra postura adotada foi a criação de um grupo no WhatsApp intitulado “Todos somos História” para mediação das turmas com informações sobre as aulas e a criação de enquetes. Apesar de usarem frequentemente o celular nas aulas, como foi observado, não houve muita interação e nem entrada de muitos alunos no grupo virtual. As enquetes se resumiam a pequenas perguntas sobre os assuntos que a cada dia de estágio eram feitas. A participação era mais vista nas atividades propostas, mas sem nenhuma interação para “tirar dúvidas”, por exemplo. Ainda sobre a utilização de tecnologias educacionais, foi produzido um teste virtual no Google Forms, uma atividade de dez perguntas sobre

o governo de João Goulart e a execução do Golpe de Estado. Para essa atividade foi visto uma participação significativa de aproximadamente quarenta alunos. As notas variam de um até dez pontos, o que pode ser explicado pelo fato de que alguns alunos leram as questões e outros não.

O que a prática docente no Ensino Médio por meio do componente História me proporcionou foi um enorme desafio diante das especificidades que compõe o ensino, pois não é somente dominar um conteúdo histórico e oralizar para os alunos servindo como um canal, mas de que é preciso planejar incluindo outras práticas pedagógicas que induza o desejo de aprender no aluno. É comum o dito pedagógico de que a maior dificuldade é ensinar a um aluno que não quer aprender. Essa é a razão pela qual é importante que o professor assuma o papel de sujeito mediador do conhecimento e esteja em constante reflexão da sua ação.

No contexto da escola pública, no período de estágio, busquei mostrar que com uma “revolução na mente”, por meio das leituras, da continuidade dos estudos ou numa formação profissional, conseguimos conquistar nossos objetivos, nossos sonhos. No caminho há percalços, às vezes necessários para nosso amadurecimento, e estes devem ser enfrentados com qualificação.

Referências

CAMPOS, Lindoaldo. **ABC da poesia:** Inspiratividades com palavras. Natal: Sebo Vermelho, 2010.

FICO, Carlos. **O golpe de 64:** Momentos decisivos. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014.

FREIRE, Paulo **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HOLANDA, Arlene. **Cordel:** criar, rimar e letrar. Arlene Holanda, Rouxinol do Rinaré. 1. ed. Fortaleza: Editora IMEPH, 2009.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?** Novas exigências educacionais e profissão docente. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

MARINHO, Ana Cristina. **O cordel no cotidiano escolar.** São Paulo: Cortez, 2012.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Passados presentes:** O golpe de 1964 e a ditadura militar. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

PAULA, Cláudia Regina de. **Educação de jovens e adultos:** a educação ao longo da vida. Curitiba: ibpex, 2011.

PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula.** 1. ed. São Paulo: Parábola, 2018.